



O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS E NA QUALIFICAÇÃO DE PROJETOS E PRODUÇÕES¹

Alexa Fagundes Dos Santos², Isabel Koltermann Battisti³

¹ Texto produzido a partir de atividades desenvolvidas como Bolsista PIBIC/CNPq de um projeto de pesquisa de iniciação científica desenvolvido na Unijuí.

² Bacharelanda do curso de Psicologia da UNIJUÍ. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PIBIC/CNPq.

³ Professora Doutora em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, orientadora da pesquisa.

INTRODUÇÃO

A Iniciação Científica (IC) se caracteriza como uma atividade extracurricular atuante como uma importante ferramenta para a formação de pesquisadores, possibilitando aos estudantes um espaço qualificado de apropriação de conhecimentos científicos e tudo o que isso abarca. Pois à pesquisa, em uma Instituição de Educação Superior (IES), podemos conferir a responsabilidade da “[...] produção de novos saberes, buscando alargar as fronteiras do conhecimento humano” (NERING; BATTISTI; POZZOBON, 2018, p. 650)

Nesse sentido, os grupos de pesquisa, em uma IES, surgem como condição da IC, pois permitem a construção de um ambiente colaborativo no qual os estudantes podem compartilhar ideias, aprender uns com os outros e receber orientação de pesquisadores experientes.

Esta escrita tem por objetivo discorrer sobre as potencialidades dos grupos de pesquisa na IC de IES. Aponta-se a formação de grupos como possibilidade de formação de pesquisadores, contribuição para o desenvolvimento de novas aptidões e, assim, de novas habilidades criativas e pensamento crítico. E também discorre-se sobre os benefícios da colaboração entre pesquisadores e estudantes.

METODOLOGIA

A escrita adota uma abordagem qualitativa, usando a revisão narrativa de produção acadêmica-científica, permitindo flexibilidade na busca de dados e interpretação influenciada pela subjetividade dos pesquisadores. A seleção da bibliografia foi feita no banco de dados



Google Acadêmico, usando as palavras-chave “grupo de pesquisa produtividade científica”. Alguns artigos foram escolhidos com base no título e resumo, totalizando dois artigos selecionados devido à sua relevância para a proposta da escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para refletir acerca do potencial de grupos de pesquisa na IC, torna-se essencial considerar os entendimentos da Iniciação Científica propriamente dita. Erdmann *et al.* (2010) apontam como uma modalidade de formação e desenvolvimento da pesquisa na graduação essa atividade extracurricular, resultando no enriquecimento da formação do graduando e, para além, na futura área profissional.

O CNPq em colaboração com instituições de ensino superior criou o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) para incentivar acadêmicos a se envolverem na pesquisa científica por meio de bolsas. A participação ativa em projetos com pesquisadores qualificados prepara os estudantes para a pós-graduação (ERDMANN *et al.*, 2010).

Os autores Erdmann *et al.* (2010) reafirmam que as ICs são muito importantes para “[...] oportunizar a formação de um profissional com horizonte mais amplo, com valores éticos e para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem constantes” (Ibid., 2010 p. 27). Ao oferecer um espaço no qual o acadêmico tenha contato com o campo das ciências e o campo prático, enriquece-se cada vez mais a sua futura área profissional, adquirindo experiências e competências diferenciadas.

Além disso, os autores Erdmann *et al.* (2010) acrescentam que os benefícios vindos da IC vão além de adquirir experiências práticas e teóricas, ela serve como uma “ferramenta integradora” entre as pessoas e as produções, pois,

[...] a articulação entre os diferentes níveis de formação/ensino e a integração entre graduandos, mestrandos, doutorandos e o orientador em projetos comuns são uma oportunidade para alavancar o potencial dos alunos IC e favorecer uma visão sistêmica do trabalho cooperativo e interdisciplinar para além das fronteiras dos projetos de pesquisa (RADÜNZ; ERDMANN, 1996 apud ERDMANN *et al.*, 2010 p. 27).

Essas concepções se alinham com o estudo de Vanz e Stumpf (2010), o qual aborda que a ciência é uma atividade predominantemente social, pois para que haja produção



científica é necessário um olhar nas relações sociais entre os próprios cientistas/pesquisadores. “[...] observar a maneira como os cientistas se comportam, se relacionam, se organizam e como transmitem informações entre si” (VANZ; STUMPF, 2010 p. 43).

O estudo atual concentra-se em grupos de pesquisa como sua proposta original. Erdmann *et al.* (2010) destacam que esses grupos buscam criar um ambiente de formação para jovens pesquisadores, realizando reuniões e atividades. Essa dinâmica de trabalho promove a interação entre os integrantes do grupo, incluindo bolsistas, mestrandos, doutorandos, mestres e doutores.

As autoras Vanz e Stumpf (2010) compartilham que o desenvolvimento da ciência depende da interação entre os pesquisadores. Ou seja, a IC entra nesse momento como uma ferramenta integradora entre as pessoas e o grupo de pesquisa, como uma atividade complementar que favorece a “[...] motivação para o aprendizado do bolsista e facilitador na sua inserção e evolução enquanto pesquisador” (ERDMANN *et al.*, 2010 p. 29).

A convivência com pesquisadores experientes e a constituição de vínculos nesse ambiente favorecem o desenvolvimento de novos entendimentos pelo bolsista, enquanto o estudante pode contribuir com novas ideias, criatividade e proatividade. Essas interações refletem-se nas produções científicas do grupo e nos projetos de Iniciação Científica associados a esse contexto (ERDMANN *et al.*, 2010).

Participar de um grupo de pesquisa com membros mais experientes e diversas áreas proporciona aos bolsistas a transmissão de conhecimentos acumulados que, segundo Leontiev (s/d apud BATTISTI, 2016), são adquiridos de forma indireta e mediada intencionalmente pelo sujeito.

A colaboração entre pares é vista como um processo social e intrínseco ao ser humano, conforme apontado por Vanz e Stumpf (2010) e Battisti (2016). Ou seja, “[...] é no grupo do qual o indivíduo faz parte que fornece formas de perceber e organizar o real [...]” (BATTISTI, 2016 p. 42).

Santos e Battisti (2022) evidenciam a relação próxima do homem com o meio e com os outros homens. Nesse caso, a construção de grupos com pesquisadores possibilitam ao homem (bolsista) o desenvolvimento mental e o enriquecimento de seus conhecimentos.



A experiência de ser bolsista de IC valoriza o aprendizado e a apropriação de novas técnicas e teorias, permitindo o desenvolvimento de novas aptidões e que, assim, os estudantes se tornem pesquisadores. Corroborando novamente com os pressupostos apresentados pelos autores de que “A aplicação repetitiva do pensamento lógico e crítico, atrelada à articulação do pensamento científico e teórico para a práxis, são fatores ímpares para a formação adequada de novos pesquisadores e profissionais qualificados” (REIS, 2007 apud ERDMANN *et al.*, 2010 p. 30).

Vanz e Stumpf (2010) abordam a colaboração científica como a relação entre pares, pesquisadores e bolsistas, destacando que envolve cientistas trabalhando em conjunto em um projeto ou grupo de pesquisa, compartilhando recursos intelectuais. Bordons e Gómez (2000, apud VANZ; STUMPF, 2010) elucidam que essa contribuição pode ser produzida sob diversos ambientes, “[...] desde a simples expressão de uma opinião sobre a pesquisa até o trabalho conjunto durante todo o decurso de um projeto” (p. 44).

Seguindo pela linha da colaboração científica, Katz e Martin (1997, apud VANZ; STUMPF, 2010, p. 44) a definem como: “[...] o trabalho conjunto de pesquisadores para atingir um objetivo comum de produzir novos conhecimentos científicos”. Nesse sentido, reafirma-se a importância do grupo de pesquisa para que haja essa troca de conhecimentos e interações sociais.

A colaboração entre pares é essencial para a interdisciplinaridade na Ciência, ocorrendo em diferentes níveis, desde pesquisadores da mesma área até a comunidade em geral. As relações informais dentro de grupos de pesquisa desempenham um papel fundamental no enriquecimento das colaborações de pesquisa (VANZ; STUMPF, 2010).

As autoras Vanz e Stumpf (2010) destacam que ao socializar o desenvolvimento de um projeto de pesquisa com o grupo, o pesquisador pode ouvir novas perspectivas, transferir e receber conhecimentos e habilidades, além de estimular a criatividade e ideias. O grupo de pesquisa é caracterizado por essas trocas e colaborações que abrangem diversas áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, os grupos de pesquisa na Iniciação Científica desempenham um papel crucial ao promover a integração entre os participantes e favorecer uma visão sistêmica do trabalho cooperativo e interdisciplinar. A colaboração entre pares impulsiona a produção

de conhecimentos, qualifica as produções científicas e estimula a criatividade e proatividade dos bolsistas. Dessa forma, esses grupos são fundamentais para a formação acadêmica e profissional dos estudantes, desenvolvendo habilidades essenciais para o avanço da ciência e fortalecendo o cenário científico do país, contribuindo para o crescimento e aprimoramento da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Colaboração científica. Desenvolvimento de pesquisadores. Bolsista. Interdisciplinaridade.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao CNPq, pela viabilização da Bolsa PIBIC/CNPq.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTI, I. K. **Mediações na Significação do Conceito Vetor com Tratamento da Geometria Analítica em Aulas de Matemática**. 2016. Tese (Pós-Graduação em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Ijuí - RS, 2016. p. 248.

ERDMANN, A. L.; LEITE, J. L.; NASCIMENTO, K. C.; LANZONI, G. M. M. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista Enfermagem**. 2010, v. 14, n. 1, p. 26-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000100005>. ISSN 2177-9465. Acesso em: 27 jul. 2023.

NEHRING, C. M.; BATTISTI, I. K.; POZZOBON, M. C. C. Entendimento de professores universitários sobre o seu fazer: ensino como atividade preponderante e extensão como atividade ainda periférica. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo. v. 25, n. 3, p. 647-664, set./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8569>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SANTOS, A. F.; BATTISTI, I. K. Conceito mediação: entendimentos produzidos a partir de uma síntese. **Mostra Interativa da Produção Estudantil em Educação Científica e Tecnológica - MoEduCiTec**, Ijuí, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/moeducitec/article/view/22661>. Acesso em: 27 jul. 2023.

VANZ, S. A. S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**. 2010, v. 15, n. 2, p. 42-55. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362010000200004>. ISSN 1981-5344. Acesso em: 27 jul. 2023.